

Bruna Fernandes, Dagna Karen De Oliveira, Dyayne Carla Banovski, Isadora Maria Pilati Campos, Márcia Etgeton, Gabriela Letícia Bonamigo, Eluan Joel Rodrigues Da Silva, Diana Loch Duessmann, Paula Bragato Futagami, Renata Bragato Futagami

Universidade Federal Do Paraná  
bruufernaandes96@Gmail.Com

## INTRODUÇÃO

A síndrome da imunodeficiência adquirida (AIDS) continua sendo um desafio para os profissionais da saúde em todo o mundo principalmente quando acomete adolescentes, uma vez que é uma doença crônica e requer manejo contínuo.

## OBJETIVO

Analisar os casos de AIDS entre os adolescentes, de 2015 a 2018, no Brasil.

## MÉTODO

Estudo descritivo, transversal com análise retrospectiva dos casos de AIDS em adolescentes (12-19 anos), de 2015 a 2018, registrados pelo Ministério da Saúde. Os dados foram planilhados e analisados com base em estatística descritiva.

## RESULTADOS

No período analisado houve uma redução significativa de 26% no diagnóstico de AIDS entre adolescentes. Dos 2247 casos registrados de 2015 a 2018 o sexo masculino se destacou com 58% do total. As idades mais acometidas foram em maiores de 14 anos (91,41%), sendo 42,14% aos 18 anos. Heterossexuais (532) tiveram maior registro de diagnóstico que a soma de homossexuais e bissexuais (515).

## CONCLUSÃO

A redução dos diagnóstico descrita no estudo, pode estar associado à maior informação em relação à doença e à ampliação da divulgação de programas governamentais, a fim de prevenir as infecções sexualmente transmissíveis. O maior número de casos entre o sexo masculino decorre, possivelmente, pela resistência desse sexo em buscar os serviços de saúde e por apresentarem menor adesão a tratamentos. As idades mais acometidas podem refletir o início da atividade sexual precoce sem as devidas profilaxias, em razão da censura e falta de educação sexual, e o compartilhamento de seringas no uso de drogas injetáveis. Por fim, constatou-se que, diferentemente da crença de que as práticas homossexuais ou bissexuais representavam risco de transmissão, os dados demonstraram maior prevalência entre heterossexuais, tornando imprescindível a desmistificação do preconceito acerca da temática.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. Manual do Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Boletim Epidemiológico: Sífilis 2018. Brasil, 2018.
- DOBSON, S. R. Congenital syphilis: Clinical features and diagnosis. **UpToDate**, Agosto 2020.
- FEITOSA, J. A. S.; ROCHA, C. H. R.; COSTA, F. S. Artigo de Revisão: Sífilis congênita. **Revista de Medicina e Saúde de Brasília**, v. 5, n. 2, p. 286-97, 2016.
- Lafetá, K. R. G.; Martelli J. H.; Silveira M. F.; Paranaíba L. M. R. Sífilis materna e congênita, subnotificada e de difícil controle. **Rev. bras. epidemiol**, v. 19, n. 1 p. 63-74, 2016..
- Reis, G. J.; Barcellos, C.; Pedroso, M. M.; Xavier, D. R. Diferenciais intraurbanos da sífilis congênita: análise preditiva por bairros do Município do Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, n. 34 v. 9, 2018.